

meiro juiz retificador. Estavam cegos e tontos. Não sabiam que rumo escolher. A consciência parecia-lhes uma casa incendiada. Os príncipes tão ricos e tão desventurados agora só sabiam chorar.

O segundo juiz revelou-lhes o abismo em que se haviam precipitado.

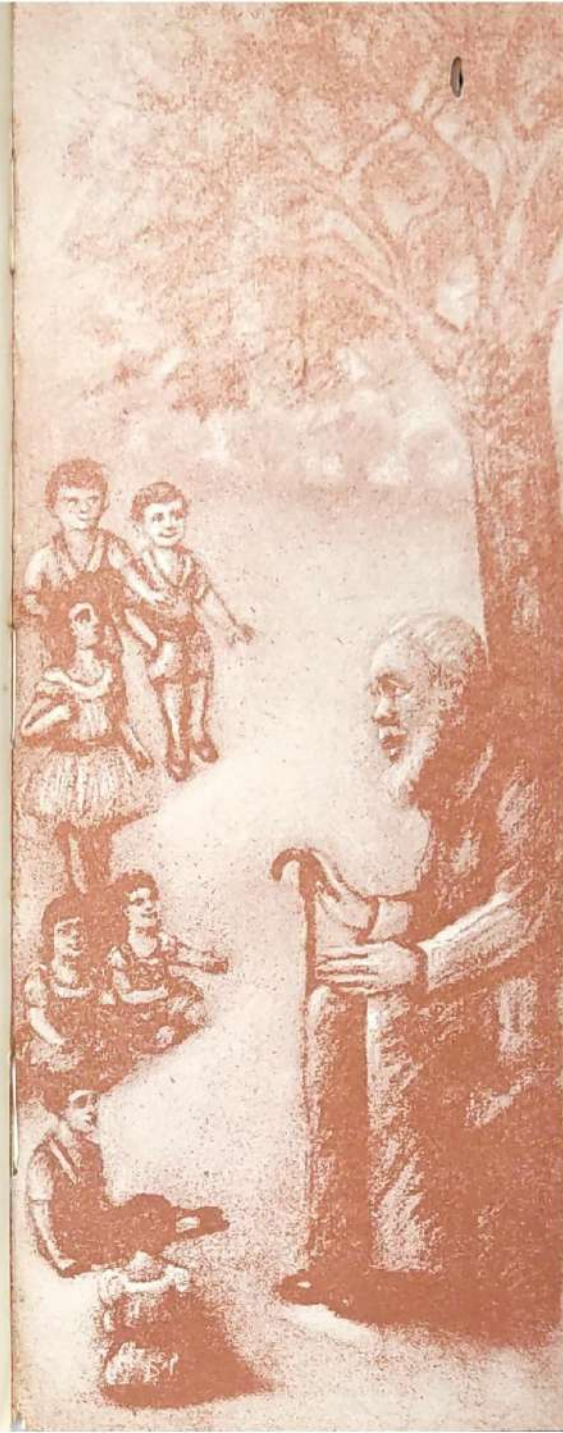
Dedicado e bom, como sempre, o Poderoso Pai veio ver os filhos sofredores; entretanto, os príncipes não o viram, nem lhe ouviram a voz pelo estado lastimável em que se achavam.

Compadecendo-se dos jovens, o Rei Sábio e Bondoso desculpou-os e, chamando os conselheiros, determinou que os filhos amados voltassem à grande escola, guardados de perto pelos dois juizes, recomeçando o aprendizado da sabedoria e do amor para a redenção.

De novo, o velho narrador fez longa pausa, para concluir:

— Desde então, os aprendizes regressam ao educandário, utilizando os mesmos uniformes para adquirirem a virtude e a elevação.

— /// —



XVII

A Escola Sublime

C IPIÃO interrompeu-se, como se houvesse terminado a narrativa. Contemplou o céu azul onde vagueavam avermelhadas nuvens do crepúsculo. O vento leve da tarde acariciava-lhe os cabelos brancos...

As crianças conservaram-se em profundo silêncio, aguardando-lhe os comentários.

Decorridos alguns instantes, o velhinho amparou-se no cajado, buscando talvez energias novas, e informou em tom diferente:

— Esta, meus bons amiguinhos, é a história que eu soube haver Jesus contado, um dia, aos pequenos de Cafarnaum. Em torno dele, acotovavam-se filhos dos mais diversos lares. Eram as crianças descendentes de judeus e romanos, gregos e etíopes que o escuta-

vam. Meninos que vinham de todos os credos e de todas as casas, sequiosos de seu carinho e ensinamento.

E, após nova pausa, fixou nos ouvintes o olhar doce e calmo, prosseguindo:


— Fui informado, ainda, de que Jesus, atendendo às solicitações das crianças que Lhe ouviam a narrativa, esclareceu que a grande escola é a Terra, o mundo maravilhoso em que vivemos, cheia de flores perfumadas e de luminosos horizontes, e que Ele, nosso Divino Mestre, vinha ao encontro dos príncipes, em nome do Poderoso Pai, a fim de ajudar a todos na restauração da concórdia e do trabalho, da alegria e do entendimento.

— /// —



XVIII

Os príncipes

 ancião ia continuar, quando o pequeno João Veloso, que seguira toda a história, atentamente, ansioso por explicações, interrogou com intensa curiosidade:

— Vovô, quem são os príncipes, filhos do Grande Rei?

— São os homens — respondeu o ancião, sem hesitar — os homens e as mulheres do mundo, donos de sublimes riquezas que não sabem aproveitar.

Cipião pensou um momento e continuou:

— Para sermos mais claros, devemos proclamar que os príncipes somos todos nós, que viemos a esta grande e abençoada escola, que é a Terra, obedecendo às ordens da Providência Divina... Aqui encontramos a bênção do dia e da noite, do trabalho e do repouso,